UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
CURSO DE BACHARELADO EM TRADUÇÃO

ISADORA GOMES DO NASCIMENTO

POR UMA (RE)TRADUÇÃO COMENTADA DE THE MAGIC FISHBONE, DE CHARLES DICKENS

João Pessoa - PB
2026

ISADORA GOMES DO NASCIMENTO

POR UMA (RE)TRADUÇÃO COMENTADA DE THE MAGIC FISHBONE, DE CHARLES DICKENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Tradução (DMI-CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves

João Pessoa - PB
2026

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244p Nascimento, Isadora Gomes do.
Por uma (re)tradução comentada de The magic fishbone, de Charles Dickens / Isadora Gomes do Nascimento. - João Pessoa, 2026.
54 f. : il.

Orientador: Daniel Antonio de Sousa Alves.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 2026.

1. Tradução Comentada. 2. Charles Dickens. I. Alves, Daniel Antonio de Sousa. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 81'255.2

Elaborado por MARIA DE FATIMA HENRIQUE JORGE MAIA - CRB-15/392

Isadora Gomes do Nascimento

POR UMA (RE)TRADUÇÃO COMENTADA DE THE MAGIC FISHBONE, DE CHARLES DICKENS

Banca Examinadora

Dr.ª CAMILA NATHALIA DE OLIVEIRA BRAGA

Dr.ª ANA CRISTINA BEZERRIL CARDOSO

Dr.ª CHRISTIANE MARIA DE SENA DINIZ

Dr. DANIEL ANTONIO DE SOUSA ALVES

João Pessoa

2026

DEDICATÓRIA

A Deus, autor dos meus dias, fonte inesgotável de criatividade e sabedoria. Àquele que me sustentou e deu sentido a cada palavra.
Àquela garotinha que se encantava com os livros e que, mesmo sem saber, já escrevia as primeiras linhas do caminho até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu lugar seguro, Aquele que ouviu até as orações mais silenciosas do meu coração e, com ternura, me sustentou em cada passo desta caminhada. Meu ajudador fiel, cuja graça se derrama em minha vida, que me fortaleceu e me lembrou, em todo tempo, que havia um propósito, mesmo quando eu não conseguia ver. “Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês, planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro” (Jeremias 29:11).

À minha mãe, Margarida, a alegria dos meus dias e minha maior inspiração. Faltam palavras para expressar tudo o que você representa para mim — seu amor, sua dedicação e sua presença foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Ao meu pai, Jailson, e à minha avó, Luzia (*in memoriam*), que partiram antes da conclusão desta etapa, mas permanecem vivos em minha memória, em tudo o que me ensinaram e no imenso amor que deixaram em mim.

À minha tia, Cira, que me apresentou ao mundo dos livros, das línguas e das artes, despertando em mim um amor que hoje ecoa neste trabalho. Minha eterna gratidão. E ao meu tio, Jair, por estar sempre presente, pelo cuidado, pela disponibilidade e por nunca medir esforços por mim.

Aos meus avós, Genete e Pereira, meu alicerce, por nunca terem deixado faltar nada, pelo apoio incondicional e por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim. Eu não teria chegado até aqui sem vocês.

Ao meu noivo, Matheus, meu refúgio, meu lar. Obrigada por me amar com tanta paciência, por segurar minha mão nos dias difíceis, por caminhar ao meu lado com tanta leveza, por compartilhar comigo os melhores momentos da vida e o encanto pelas letras.

Às minhas preciosas amigas, Anne, por me compreender tão profundamente e por cada conselho; e Victoria, minha fiel escudeira nesta jornada, pela parceria constante dentro e fora da universidade. Compartilhar a vida com vocês é como uma brisa no deserto.

A Barack, meu companheiro de quatro patas, cuja presença constante, alegria e amor espalhafatoso — impossível de ignorar — tornaram os dias mais leves e me lembraram, tantas vezes, que eu não estava sozinha.

Ao meu orientador, Daniel, por quem tenho profunda admiração, pela paciência, pela compreensão e pelas valiosas contribuições que foram essenciais para a construção deste trabalho.

Aos meus professores, Ana Cristina, Christiane, Camila, Tânia, Roberto e Helano, pela dedicação, pelo conhecimento compartilhado e pela honra de aprender com profissionais tão inspiradores.

A mim, por não ter desistido diante das circunstâncias difíceis, por ter perseverado no Senhor e seguido em frente, confiando que tudo tinha um propósito. “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8:28). Hoje, compreendo que tudo valeu a pena.

"Afinal, estamos aqui para tornar o desconhecido conhecido, para tornar o outro familiar. Estamos aqui para fazer mágica com as palavras."

— R. F. Kuang, *Babel*.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma (re)tradução comentada para a língua portuguesa do Brasil do conto *The Magic Fishbone* (1867), de Charles Dickens. Inserido na área da Tradução Comentada, o estudo fundamenta-se nas reflexões de Lawrence Venuti (2021) acerca dos conceitos de domesticação e estrangeirização, e de Antoine Berman (2013) no que se refere à retradução, considerando as implicações práticas dessas abordagens no processo tradutório. A pesquisa tem como objetivo principal analisar as estratégias adotadas na tradução do conto, buscando um equilíbrio entre a preservação dos elementos culturais do texto fonte e a fluidez do texto alvo, ao mesmo tempo em que considera o estilo literário do autor. O trabalho explora questões relacionadas à tradução das características culturais, escolhas estilísticas, bem como os desafios encontrados na tradução. Os comentários ao longo da análise visam evidenciar o processo de tomada de decisões na atividade tradutória, assim como seu caráter reflexivo, interpretativo e criativo, destacando o papel ativo do tradutor como mediador cultural, contribuindo, desse modo, para a compreensão das práticas tradutórias em textos literários e para os Estudos da Tradução.

Palavras-chave: Tradução Literária; Tradução Comentada; retradução; conto de fadas; Charles Dickens.

ABSTRACT

This work presents an annotated (re)translation into Brazilian Portuguese of Charles Dickens's short story *The Magic Fishbone* (1867). As part of the field of Annotated Translation, this study is based on the reflections of Lawrence Venuti (2021) regarding the concepts of domestication and foreignization, in addition to Antoine Berman's (2013) insights on retranslation, considering the practical implications of these approaches in the translation process. The main objective of this research is to analyze the strategies adopted in the translation of the short story, seeking a balance between preserving the cultural elements of the source text and ensuring the fluency of the target text, while also considering the author's literary style. The study explores issues related to the translation of cultural elements and stylistic choices, as well as the challenges encountered in the translation process. The comments throughout the analysis aim to highlight the decision-making process in translation, as well as its reflective, interpretive, and creative nature, emphasizing the active role of the translator as a cultural mediator, thereby contributing to the understanding of translation practices in literary texts and to the field of Translation Studies.

Keywords: Literary Translation; Annotated Translation; retranslation; fairy tales; Charles Dickens.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Cresciam tão rápido que não cabiam mais nas suas roupas..... 18
Figura 2 — Ilustração final da obra. 28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Tradução de expressão exclamativa 28
Quadro 2 — Tradução de expressão exclamativa 29
Quadro 3 — Tradução de repetição 29
Quadro 4 — Tradução de ritmo 30
Quadro 5 — Tradução de aliteração 30
Quadro 6 — Tradução de repetição 31
Quadro 7 — Tradução de caracterização de personagem: Fada Marina 32
Quadro 8 — Tradução de elemento cultural: dia de pagamento 34
Quadro 9 — Tradução de elemento cultural: libras esterlinas 35
Quadro 10 — Tradução de terminologia específica: salmão 35
Quadro 11 — Tradução de elemento cultural: bolo de casamento 36
Quadro 12 — Tradução de elemento cultural: frasquinho de sais 37
Quadro 13 — Tradução de elemento cultural: ferro frio 37
Quadro 14 — Tradução de elemento cultural: grade da lareira 38
Quadro 15 — Tradução da contagem dos olhos 38
Quadro 16 — Tradução de elemento cultural: pug 39
Quadro 17 — Tradução de expressão idiomática 39

SUMÁRIO

1. Introdução 11

2. Dickens e *The Magic Fishbone* 11

3. Tradução comentada e Fundamentação teórica 12

4. Projeto de Tradução 15

5. Tradução e comentários 17

5.1. Tradução 17

5.2. Comentários 28

5.2.1. Expressões e estilo 28

5.2.2. Personagens e contos de fadas 31

5.2.3. Elementos culturais 33

6. Conclusão 40

REFERÊNCIAS 41

ANEXO A – texto fonte 43

ANEXO B – Termo de Originalidade 53

1. INTRODUÇÃO

A tradução de um conto infantil pode parecer uma tarefa simples, à primeira vista, por conter uma linguagem mais acessível, pelo contexto em que está inserido e pelo público ao qual se destina. Todavia, surgem diversas dificuldades, bem como estratégias ao longo do processo tradutório.

Inserido no campo de Estudos da Tradução, mais especificamente de Tradução Literária e Tradução Comentada, este trabalho consiste em uma (re)tradução comentada para a língua portuguesa do Brasil do conto *The Magic Fishbone* (1867), de Charles Dickens, para o Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Tradução (TCC), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Uma vez que a análise da tradução é relevante para compartilhar as tomadas de decisões durante o processo tradutório, é importante destacar que não é possível comentar sobre todos os aspectos, sendo preciso definir as prioridades textuais e fazer certas escolhas em detrimento de outras (Torres, 2017). Por se tratar de um conto infantil, existe a ideia equivocada de facilidade na tradução; as dificuldades presentes no texto fonte serão desafios no processo de tradução, assim como as soluções encontradas.

A segunda seção do trabalho é dedicada à apresentação do autor Charles Dickens e à *The Magic Fishbone*, visto que a primeira seção consiste na introdução geral do trabalho. A seção posterior é dedicada à fundamentação teórica desta pesquisa, com uma breve introdução à tradução comentada como gênero textual acadêmico literário, suas contribuições aos Estudos da Tradução e como este trabalho se insere no todo. Na seção seguinte é apresentado o projeto de tradução de *The Magic Fishbone*. A quinta seção traz a tradução propriamente dita e os comentários acerca do processo de tomada de decisões tradutórias. E, por fim, as considerações finais e reflexões sobre esta tradução comentada.

2. DICKENS E *THE MAGIC FISHBONE*

Charles Dickens (1812-1870), nascido em Portsmouth, no Reino Unido, é um dos romancistas mais populares da literatura inglesa, conhecido por seus personagens memoráveis e por suas observações sociais. A narrativa de Dickens, caracterizada pelo estilo poético, é repleta de críticas sociais, com pitadas de humor e ironia. Suas histórias têm enredos intrincados, personagens marcantes e descrições detalhadas, refletindo as realidades e dificuldades da época vitoriana. Entre seus mais

notáveis trabalhos, destacam-se *Oliver Twist*, *David Copperfield* e *Um Conto de Natal*, famoso por seu papel na promoção dos valores da generosidade, empatia e redenção.

Embora seja mais conhecido por suas grandes obras, Dickens também se lançou na literatura infantil. *The Magic Fishbone* está inserido em seus contos infantis e é a segunda das quatro histórias da coletânea *Holiday Romance*, publicada originalmente num periódico infantil nos Estados Unidos e republicada na Inglaterra em 1868, em *All the Year Round*, revista literária semanal editada por Dickens. As quatro partes são intituladas: “In a Palace Beautiful”, “Romance. From the Pen of Miss Alice Rainbird, Aged Seven”, “A Child’s Story”, e “An Educated Boy”. Embora inicialmente voltada ao público infantil, a obra de tom cômico e irônico também dialoga com leitores adultos trazendo temas como matrimônio, monarquia e educação, oferecendo diversos níveis de interpretação.

A história foi escrita pela perspectiva de uma criança, *Miss Alice Rainbird*, de sete anos de idade, e segue o padrão estilístico do autor, realçando o seu talento em construir a afetuosa linguagem imaginativa infantil, ao mesmo tempo em que aborda temas adultos fazendo uma sátira social e oferecendo reflexões sobre a realidade da vida humana, bem como as decisões e anseios materiais.

Em *The Magic Fishbone*, a princesa Alícia cuida de sua mãe, a Rainha, e de seus dezoito irmãozinhos, enquanto espera sabiamente a hora de usar a espinha de peixe mágica que a Fada lhe concedeu. O conto apresenta em sua narrativa cativante a jornada da encantadora princesa Alícia em aprender sobre valores verdadeiros, como generosidade e compaixão. É possível perceber na obra a crítica sutil às dinâmicas sociais de seu tempo e de que maneira o conto reflete as características do estilo literário de Dickens. Sua visão de mundo e as escolhas do autor serão questões de análise, em destaque a linguagem infantil, os nomes dos personagens e a contextualização das expressões linguísticas.

3. TRADUÇÃO COMENTADA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Tradução Comentada, que vem ganhando força e espaço no meio acadêmico nos últimos quinze anos, é apreendida “como um gênero acadêmico-literário” por Torres (2017, p. 15). Este gênero consiste em traduzir um texto e tecer comentários sobre o processo tradutório, tendo como fundamento as teorias da tradução. Assim, o tradutor justifica como lidou com as particularidades linguísticas,

estilísticas, culturais, sociais e até filosóficas presentes no texto. Com o objetivo de oferecer um relato de trabalho que permita uma reflexão crítica sobre o processo, a tradução comentada possibilita ao tradutor a posição de mediador cultural – equilibrando a interação das culturas, para que uma não se sobreponha à outra – e de pesquisador do campo tradutório, simultaneamente.

No Brasil, o ensino de Tradução Comentada tem se desenvolvido de forma consistente nas últimas décadas. Em diversas universidades do país, observa-se uma base acadêmica efetiva para a reflexão crítica sobre a prática tradutória nos cursos de graduação e pós em tradução, incentivando, assim, a pesquisa prática e teórica sobre o processo tradutório. A exemplo disto, têm-se os programas de mestrado em tradução oferecidos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que vêm incorporando o estudo da tradução comentada em parte de seus currículos, e a revista *Cadernos de Tradução* (da UFSC) que reúne muitos artigos relacionados ao tema.

Em seu artigo “Por que e como pesquisar a tradução comentada” (2017), Marie Hélène Torres considera “que o comentário explica e teoriza de forma clara e explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores" (Torres, 2017, p. 15). Torres apreende também o comentário como uma explicação da tradução, considerando esta como um outro original. Ela afirma que “na prática o comentário feito pelo próprio tradutor é anterior à tradução. Para traduzir precisa comentar, explicitamente, implicitamente… Precisa interpretar antes de traduzir” (Torres, 2017, p. 17), criando uma relação intrínseca entre a interpretação, a tradução e o comentário.

Ainda pensando no comentário como gênero literário, Torres (2017) elenca algumas características da tradução comentada, a saber: o caráter autoral (a tradução e o comentário têm o mesmo autor), metatextual (“o texto dentro do texto”, TORRES, 2017, p. 18), discursivo-crítico (apresentar o processo da tradução para entender e analisar as decisões), descritivo (refletir sobre tendências tradutórias) e histórico-crítico (o comentário alimenta a história da tradução, pois teoriza sobre a prática tradutória).

É especialmente relevante a questão da retradução abordada por Berman, em seu livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2013), e reforçada por Torres, que opina sobre a retradução como “manifestação de subjetividade por parte do (re)tradutor” (Freitas; Torres; Costa, 2017, p. 28). Este foco sobre a subjetividade

concede ao tradutor um leque de possibilidades dentro do processo tradutório tão amplamente enfatizado por Berman. Para ele, “o tradutor tem *todos os direitos*, desde que atue de modo franco”[1]. Assim como no título do livro, Berman sugere que o texto estrangeiro seja acolhido como um hóspede, sem apagar sua identidade e marcas. Ele defende um pensamento não convencional, mostrando que a tradução representa uma tradução, diferente do que a maioria dos leitores está acostumada a ler (um texto sem sinais de que foi traduzido). O tradutor então assume o papel de mediador cultural, com função de decodificar uma mensagem, para, em seguida, recodificá-la.

A tradução comentada também coloca o tradutor na posição de um crítico que pode refletir e justificar suas escolhas. No livro póstumo de Antoine Berman, *Pour une critique des traductions: John Donne* (1942-1991), é interessante observar que a concepção ou a percepção que todo tradutor tem sobre o ato de traduzir é considerada por Berman um fator relevante para o estudo da posição tradutória, do projeto de tradução e do horizonte tradutório. Considera ele que o tradutor é, de fato, marcado por todo um discurso histórico, social, literário, ideológico sobre a tradução e a escrita literária. Ele ressalta a poética, a ética e a história como os eixos fundamentais da tradutologia.

Além da proposta de retradução de Antoine Berman, este trabalho dialoga com as reflexões de Lawrence Venuti acerca dos conceitos de domesticação e estrangeirização, e da invisibilidade do tradutor. Desse modo, a domesticação busca aproximar o texto do leitor, tornando a leitura mais natural na língua alvo e tendendo a suavizar elementos culturais presentes no texto original; em sentido oposto, a estrangeirização conduz o leitor ao texto, preservando características do texto fonte, ainda que cause certo estranhamento no leitor.

Em *A Invisibilidade do Tradutor* (2021), Venuti faz uma crítica ao modelo domesticador, dominante no contexto anglo-americano, em que o tradutor se torna invisível e a cultura de chegada absorve o texto estrangeiro como se fosse próprio. No capítulo final da obra, intitulado “Chamado à ação”, ele propõe uma intervenção e convoca os tradutores a tornarem visível o trabalho tradutório “realçando as diferenças linguísticas e culturais do texto na língua de partida e transformando a hierarquia de valores culturais na língua de chegada" (Venuti, 2021, p. 464), visando evidenciar a

[1] Tradução minha de: “le traducteur a *tous les droits* dès lors qu’il joue franc jeu” (Berman, 1995, p. 93, grifo do autor).

presença do tradutor no texto através de suas escolhas tradutórias e refletir sobre sua prática, ampliando o espaço da tradução no contexto cultural.

4. PROJETO DE TRADUÇÃO

A escolha do tema e do conto foi motivada, principalmente, por dois fatores: meu gosto pessoal pelo escritor, Charles Dickens, e sua obra; e a dificuldade de encontrar o conto *The Magic Fishbone* traduzido para a língua portuguesa do Brasil. Por esses motivos, a intenção inicial era produzir uma tradução inédita, no entanto, alguns meses e pesquisas depois da primeira busca, encontrei uma versão do texto traduzida em um livro de contos mágicos intitulado *O Círculo dos Magos* (2007), traduzido por Maria Alice Capocchi; e uma publicação no site *Scribd*, pela Escola Secundária de Sampaio, como "A Espinha Mágica" (Labisa, 2013). Desse modo, o intuito de retraduzir o conto de forma comentada pareceu-me interessante e relevante para contribuir com os estudos tradutórios.

O Círculo dos Magos é uma antologia organizada por Peter Haining, publicada em 2007 pela Bertrand Brasil, que contém histórias sobre magia, sobrenatural e poderes especiais, de diversos autores bastante conhecidos no gênero fantástico, como Charles Dickens, George MacDonald, Philip Pullman e outros. A obra aborda uma variedade de estilos mágicos, permitindo ao leitor comparar o elemento mágico do ponto de vista de diferentes autores. O conto de Dickens foi traduzido como "A Espinha de Peixe Mágica" e conta com uma sinopse da história antes mesmo de iniciar o conto. Na tradução é possível perceber traços estrangeirizantes do original e, principalmente, a adição de explicações para contextualização.

A segunda tradução encontrada, "A Espinha Mágica" (Labisa, 2013), foi enviada à plataforma *Scribd*, em 28 de dezembro de 2013, por Catarina Labisa, professora na Escola Secundária de Sampaio, em Sesimbra, Setúbal, Portugal. Não é possível saber se a autoria dessa versão é da Catarina Labisa, mas uma possibilidade plausível é ter sido apresentada em sala de aula ou em algum programa educativo, visto que a escola pública cumpre funções pedagógicas diversas. Nesta tradução, a linguagem é simplificada, provavelmente adaptada para leitores infanto-juvenis.

O texto fonte utilizado neste trabalho foi encontrado no site *Project Gutenberg*, que reúne e disponibiliza edições digitais de obras em domínio público. Após a leitura

e releitura do texto, o projeto de tradução de *The Magic Fishbone* consistiu em identificar as zonas que considerei de maior dificuldade e que demandariam mais reflexão: os nomes de alguns personagens, expressões antigas, elementos culturais e conversão das medidas e da moeda da época. Em seguida, comecei a tradução propriamente dita, anotando outros pontos que poderiam ser comentados.

Como a leitura de outras traduções no processo de uma tradução própria é uma decisão muito individual, optei por ler as outras versões somente após terminar a minha. As comparações foram inevitáveis, porém me ajudaram a entender melhor o contexto de certos trechos (como o final do conto).

Ressalto que no processo de tradução, quando estava imersa no texto, não teorizei tanto sobre minhas escolhas, baseando-as em um autor específico, bem como suas linhas de pesquisa. Desse modo, conforme Lawrence Venuti:

> Um tradutor aplica uma teoria, mesmo que de forma não totalmente estruturada, quando opta por uma palavra, ou ordenação de frase, ou construção de oração, em detrimento das possibilidades alternativas que sempre existem em qualquer ponto de uma tradução (Venuti, 2021, p. 477).

Nesse sentido, aponto que na minha prática tradutória foi espelhado o que já estava mais enraizado em minha mente: os conceitos de domesticação e estrangeirização de Venuti (2021) e a retradução de Berman (2013).

Um ponto que percebi nas revisões pós-tradução foi que quanto mais revisava, menos receio tinha de alterar o texto. Os comentários, nesse caso, evidenciam um cuidado com o texto fonte, ampliando a compreensão do leitor e esclarecendo especificidades culturais e estilísticas.

O projeto leva em conta a proposta do autor de o conto ser escrito pela perspectiva de uma criança, no entanto, é preciso ressaltar que o público-alvo do autor, apesar da publicação numa revista infantil, era tanto crianças alfabetizadas, quanto jovens leitores, e até adultos, pois muitos textos da época possuíam uma dupla camada de leitura.

Como observa C. S. Lewis na dedicatória de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (2023), “algum dia, [você] terá idade suficiente para começar a ler contos de fadas outra vez” (Lewis, 2023, p. 5). Isso indica que a valorização dessas narrativas vai além do público infantil e que elas podem ser apreciadas em diferentes fases da vida, se tornando significativas também para leitores mais maduros. A partir desta perspectiva, esta tradução para o Português brasileiro busca contemplar, inicialmente,

um público juvenil — não necessariamente infantil —, curioso e capaz de compreender camadas irônicas na narrativa, suas nuances estilísticas e seu humor satírico. Pensa-se também que o leitor tenha interesse na obra de Charles Dickens, bem como em contos de fadas. Também foi levado em conta o estilo literário do autor, os períodos longos do texto, o ritmo marcado e a musicalidade da narrativa.

A proposta busca um equilíbrio entre a domesticação e a estrangeirização, reconhecendo a alteridade do texto, mas considerando a recepção na cultura de chegada. Como uma hospitalidade ponderada: acolhendo as camadas culturais sem comprometer a fluidez do texto e evidenciando elementos estruturais como o humor irônico e a ambientação histórica. Para isso, optou-se por manter um tom leve com vocabulário acessível, porém não tão simplificado, e por ajustar períodos irônicos e construções longas — caso comprometam a clareza do texto. Desse modo, o projeto tradutório assume um caráter consciente e reflexivo.

5. TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

5.1. TRADUÇÃO

A seguir, a tradução do conto *The Magic Fishbone*.

A ESPINHA DE PEIXE MÁGICA

Por Charles Dickens
Tradução de Isadora Gomes

Um Conto de *Holiday Romance*, escrito pela senhorita Alice Rainbird, de sete anos.

PREFÁCIO

Esta história, escrita por Charles Dickens em 1867, é a segunda de quatro histórias intituladas *Holiday Romance*, e foi originalmente publicada num periódico infantil nos Estados Unidos. A intenção era de que fosse escrita sob a perspectiva de uma criança de sete anos de idade. Foi republicada na Inglaterra no periódico *All the Year Round* em 1868. Dickens recebeu mil libras esterlinas (aproximadamente noventa e oito mil libras esterlinas, atualmente) por esta e mais quatro obras natalinas.

Holiday Romance foi publicado como livro pela Chapman & Hall, em 1874, com *Edwin Drood* e outras histórias.

Para esta reedição, utilizou-se o texto da história conforme sua publicação original *All the Year Round*.

Figura 1 — Cresciam tão rápido que não cabiam mais nas suas roupas



. Fonte: PEARSE, S. Beatrice. In: DICKENS, Charles. *The Magic Fishbone*, 1867.

Era uma vez um Rei e sua Rainha. Ele era o mais másculo dos homens e ela, a mais adorável das mulheres. O Rei, em sua profissão particular, trabalhava para o próprio governo. E o pai da rainha havia sido um médico em outra cidade.

Eles tinham dezenove filhos e continuavam querendo mais. Dezessete deles cuidavam do bebê, enquanto Alícia, a mais velha, cuidava de todos. Suas idades variavam entre sete anos e sete meses.

Vamos continuar nossa história.

Um dia, quando o Rei estava a caminho do escritório, parou na peixaria para comprar meio quilo de salmão da melhor qualidade e enviar para casa a pedido da Rainha (que era uma dona de casa exemplar). Sr. Pickles, o peixeiro, disse:

— Prontinho, Majestade. Deseja mais alguma coisa? Bom dia!

O Rei continuou em direção ao escritório sentindo-se melancólico, pois o dia de pagamento – realizado a cada três meses – ainda estava longe e as crianças cresciam tão rápido que não cabiam mais nas suas roupas. Ele mal tinha se afastado quando viu o jovem entregador do Sr. Pickles correndo até ele, dizendo:

— O Senhor não viu a senhora que estava em nossa loja?

— Que senhora? — perguntou o Rei. — Não vi nenhuma senhora.

Ora, o Rei não tinha visto nenhuma senhora, pois ela estava invisível para ele — embora não estivesse para o rapazinho do Sr. Pickles. Provavelmente porque este se remexia e espirrava água para todos os lados com os pés, e se ela estivesse invisível para o rapazinho, ele teria estragado as roupas dela.

Só então a senhora se aproximou, de mansinho, usando um vestido de seda furta-cor de altíssima qualidade, cheirando a lavanda.

— Rei Watkins I, acredito? — indagou a senhora.

— Watkins — respondeu o Rei —, é meu nome.

— Papai da linda Princesa Alícia, se não estou enganada? — disse ela.

— E de mais dezoito pequenos — respondeu o Rei.

— Ouça: o Senhor está a caminho do escritório — disse a senhora.

Instantaneamente, o Rei se deu conta de que ela deveria ser uma Fada, pois como ela poderia saber daquilo?

— Você tem razão — respondeu ela aos pensamentos do rei — Eu sou a Boa Fada Marina. Preste atenção, quando você voltar para casa, para jantar, ofereça educadamente à Princesa Alícia um pouco do salmão que acabou de comprar.

— Pode ser que ela passe mal... — disse o Rei.

A senhora ficou tão irada com essa resposta absurda que o Rei, alarmado, humildemente implorou pelo seu perdão.

— Passar mal... onde já se viu! — expressou ela com o maior desprezo que pôde. — Deixe de ser guloso. Acho que é você que quer comer tudo.

O Rei abaixou a cabeça diante da repreensão e disse que não falaria mais sobre aquilo.

— Comporte-se bem e não fale mais! — disse a Fada Marina. — Quando a linda Princesa Alícia aceitar partilhar o salmão, como acho que o fará, você verá que ela deixará a espinha do peixe no prato. Diga a ela para secá-la, esfregá-la e poli-la até que brilhe como madrepérola, e que ela cuide como se fosse um presente meu.

— Algo mais? — perguntou o Rei.

— Não seja impaciente, Senhor! — replicou Fada Marina, repreendendo-o severamente. — Não interrompa as pessoas antes que elas terminem de falar. É assim que vocês, adultos, são. Estão sempre fazendo isso.

O Rei abaixou a cabeça e disse que não faria mais aquilo.

— Comporte-se bem e não faça mais! — disse a Fada Marina. — Diga à Princesa Alícia que a espinha de peixe é um presente mágico que envio com carinho e que pode ser usada uma única vez; e, quando usada, a espinha fará o que ela desejar, DESDE QUE DESEJE NO MOMENTO CERTO. Esse é o recado, lembre-se bem!

— Posso perguntar o porquê... — começou o Rei, mas a Fada ficou completamente furiosa.

— *Vai* se comportar, Senhor? — exclamou ela, batendo o pé no chão. — O porquê disso, o porquê daquilo! Você sempre quer saber razão de tudo. Sem porquês. Basta! Francamente! Estou farta dos porquês dos adultos.

O Rei ficou extremamente assustado com o rompante da senhora, então pediu desculpas por ofendê-la e disse que não perguntaria mais.

— Comporte-se bem e não pergunte mais! — enfatizou a senhora.

Dito isto, Fada Marina desapareceu e o Rei continuou andando até chegar ao escritório. Lá ele escreveu, escreveu e escreveu, até dar a hora de ir para casa. Então, educadamente, ofereceu à Princesa Alícia um pedaço do salmão, como a Fada o orientou. E quando ela já tinha desfrutado bastante da refeição, ele viu a espinha do peixe no prato dela, exatamente como a Fada tinha previsto, e deu o recado dela. A Princesa Alícia, então, cuidou de secar a espinha, esfregar e polir até que brilhasse como madrepérola.

Pela manhã, quando a Rainha se levantou , disse:

— Oh, meu Deus, meu Deus, minha cabeça, minha cabeça! — e desmaiou.

A Princesa Alícia, que estava indo até a rainha para perguntar sobre o café da manhã, ficou muito assustada quando viu sua Mamãe nesse estado, e tocou o sino para chamar Peggy, a camareira real. Mas, se lembrando de onde ficava o frasquinho de sais aromáticos, que tinha um cheiro forte capaz de despertar o corpo, subiu numa cadeira e o pegou, depois subiu em outra cadeira ao lado da cama e levou o frasco ao nariz da Rainha. Então, pulou para baixo e pegou um pouco de água, subiu de novo e umedeceu a testa da Rainha. Pouco depois, a querida camareira chegou dizendo à pequena Princesa:

— Que mocinha esperta! Nem eu faria tão bem assim!

Mas essa nem foi a pior parte da doença da boa Rainha, não! Ela ficou muito doente por muito, muito tempo. A Princesa Alícia manteve os dezessete pequenos Príncipes e Princesas quietinhos, trocou suas roupas, cuidou do bebê, pôs água na chaleira para ferver, esquentou a sopa, varreu a lareira, deu remédio e cuidou da Rainha. Ela fez tudo que podia, e ficou muito, muito, muito ocupada. Não havia muitos servos naquele palácio por três motivos: porque o Rei estava sem dinheiro, porque o seu salário nunca aumentava, e porque o dia de pagamento parecia estar mais distante que as estrelas.

Mas onde estava a espinha de peixe na manhã em que a Rainha desmaiou? Ora, estava no bolso da Princesa Alícia. Ela quase a tirara do bolso para trazer vida à Rainha novamente, mas pôs de volta onde estava e procurou pelo frasquinho milagroso.

Enquanto a Rainha descansava do desmaio daquela manhã, a Princesa Alícia subiu correndo as escadas para contar o segredo especial para sua querida amiga e confidente, a Duquesa. Todos achavam que ela era uma boneca, mas ela era uma Duquesa de verdade, ainda que ninguém além da Princesa soubesse.

Esse segredo especial era o da espinha de peixe, cuja história já era conhecida pela Duquesa, pois a Princesa tinha contado tudo a ela. A Princesa se ajoelhou ao lado da cama onde a Duquesa estava deitada, vestida e desperta, e sussurrou o segredo para ela. A Duquesa sorriu e assentiu. As pessoas poderiam pensar que ela não sorria ou acenava, mas ela fazia isso com frequência, ainda que ninguém além da Princesa soubesse.

Então a Princesa Alícia desceu as escadas correndo para, novamente, olhar a Rainha. Durante o dia, ela vigiava sozinha o quarto da Rainha, mas todas as noites,

enquanto durou a doença, ela se sentava lá junto ao Rei para vigiar. E todas as noites o Rei olhava para ela atravessado, perguntando-se a razão de ela nunca usar a espinha de peixe mágica. Sempre que ela percebia, corria escada acima e sussurrava o segredo novamente para a Duquesa, dizendo: “Eles pensam que nós, crianças, nunca temos um motivo ou um propósito!”. E a Duquesa, embora fosse a mais elegante do mundo, piscava para a Princesa.

— Alícia — chamou o Rei quando ela lhe desejou boa noite.

— Sim, Papai.

— Onde está a espinha de peixe mágica?

— No meu bolso, Papai.

— Pensei que você tivesse perdido.

— Oh, não, Papai.

— Ou se esquecido?

— Não mesmo, Papai.

Em outra ocasião, o terrível cãozinho *pug* da vizinha avançou em um dos jovens Príncipes quando este voltava da escola, e o pavor foi tanto que ele apoiou a mão numa vidraça e sangrou, sangrou, sangrou. Quando os outros dezessete jovens Príncipes e Princesas o viram sangrar, sangrar, sangrar, também ficaram extremamente apavorados e gritaram até ficarem roxos, todos ao mesmo tempo. Mas a Princesa Alícia pôs suas mãos sobre as dezessete bocas uma após outra e os persuadiu a ficarem quietos em prol da Rainha doente. Ela botou a mão do Príncipe ferido numa bacia com água fria, enquanto era encarada por duas vezes dezessete olhos que são trinta e quatro, põe o quatro embaixo, sobe um e desce três; e procurou por pedacinhos de vidro nas mãos dele, por sorte não havia nenhum. Então ela pediu a dois Príncipes pequenos, mas robustos e com pernas rechonchudas:

— Tragam-me a sacola de retalhos real! Tenho que cortar e costurar, recortar e consertar.

Os dois jovens Príncipes trouxeram a sacola de retalhos real e a Princesa Alícia sentou-se no chão com uma tesoura grande, com agulha e linha, cortou e costurou, recortou e consertou, fez um curativo e o colocou, e ficou perfeito. Ao terminar, viu o Rei, seu pai, observando-a pela porta.

— Alícia.

— Sim, Papai.

— O que estava fazendo?

— Cortando, costurando, recortando e consertando, Papai.

— Onde está a espinha de peixe mágica?

— No meu bolso, Papai.

— Pensei que você tivesse perdido.

— Oh, não, Papai.

— Ou se esquecido?

— Não mesmo, Papai.

Depois disso, ela correu escada acima para contar à Duquesa o que havia acontecido, contou o segredo novamente e a Duquesa balançou seus cachos de tecido e riu com seus lábios rosados.

Pois bem! Em outra ocasião, o bebê caiu debaixo da grade da lareira. Os dezessete Príncipes e Princesas já estavam acostumados, pois eles quase sempre caíam debaixo da grade da lareira ou escada abaixo, mas o bebê não tinha esse costume e ficou com o rosto inchado e um olho roxo. Foi assim que o pobrezinho veio a cair: escorregou do colo da Princesa Alícia enquanto ela estava sentada em frente à lareira com um avental grande, grosso e sufocante, começando a descascar os nabos para a sopa do jantar. E a razão dela estar fazendo isso foi: a cozinheira do Rei fugira naquela manhã com seu verdadeiro amor, um soldado muito alto, mas que bebia muito. Então, os dezessete jovens Príncipes e Princesas, que choravam com tudo o que acontecia, soluçaram e fizeram muito barulho. Mas a Princesa Alícia (que também chorou um pouquinho) pediu que eles se acalmassem para não acordar a Rainha que estava no andar de cima, melhorando rapidamente, e disse:

— Calem a boca todos vocês, seus danadinhos, para que eu examine o bebê!

A Princesa o examinou e viu que ele não quebrara nada, então ela encostou ferro frio para aliviar o olho roxinho, acariciou seu rostinho, e ele logo adormeceu em seus braços.

— Ainda estou com medo de deixá-lo sozinho, em caso de ele acordar e sentir dor. Então, se vocês forem bonzinhos, poderão ser os cozinheiros hoje — disse ela aos dezessete irmãozinhos.

Eles pularam de alegria ao ouvir aquilo e começaram a fazer seus chapéus de cozinheiro com jornais velhos. Assim, a um ela deu o saleiro, a outro a cevada, e assim por diante com as ervas, os nabos, as cenouras, as cebolas e a caixa de temperos, até que todos viraram cozinheiros e corriam de um lado para o outro, trabalhando sem parar, enquanto ela estava sentada bem no meio, sufocada pelo avental grande e

grosso, ninando o bebê. Em pouco tempo a sopa ficou pronta, e o bebê, que acordou sorrindo como um anjo, foi confiado à Princesa mais tranquila, enquanto os outros se espremiam em um canto bem afastado observando a Princesa Alícia despejar a panela cheia de sopa, com medo de serem salpicados e escaldados (já que sempre se metiam em problemas). Quando a sopa foi servida nos pratos, fumegando lindamente e com um aroma delicioso, eles bateram palmas. Até o bebê bateu palmas; isso e o seu rostinho inchado, como se estivesse com uma dor de dente, fez todos os Príncipes e Princesas rirem.

— Sorriam e se comportem, e depois do jantar faremos um ninho no chão para o bebê assistir à dança dos dezoito cozinheiros — disse a Princesa Alícia.

Aquilo encantou os jovens Príncipes e Princesas, e eles comeram toda a sopa, lavaram os pratos e louças, limparam tudo e empurraram a mesa para o canto. E então, com seus chapéus de cozinheiros, e a Princesa Alícia com o avental grosso e sufocante da cozinheira (que havia fugido com seu verdadeiro amor, um soldado muito alto, mas que bebia muito), os dezoito cozinheiros dançaram diante do bebê angelical, que esqueceu seu rostinho inchado e seu olho roxinho, dando gritinhos de pura alegria.

Depois disso, mais uma vez a Princesa Alícia viu o Rei Watkins I, seu pai, parado à porta observando, que perguntou:

— O que estava fazendo, Alícia?

— Cozinhando e consertando, Papai.

— O que mais estava fazendo, Alícia?

— Estava animando as crianças, Papai.

— Onde está a espinha de peixe mágica, Alícia?

— No meu bolso, Papai.

— Pensei que você tivesse perdido.

— Oh, não, Papai.

— Ou se esquecido?

— Não mesmo, Papai.

O Rei, nesse momento, suspirou tão profundamente, pareceu tão abatido e sentou-se tão miseravelmente na cadeira, apoiando a cabeça na mão e o cotovelo sobre a mesa afastada da cozinha, que os dezessete Príncipes e Princesas saíram de fininho deixando-o sozinho com a Princesa Alícia e o bebê angelical.

— Qual é o problema, Papai?

— Estou terrivelmente pobre, minha filha.

— Não tem nenhum dinheiro, Papai?

— Nenhum, minha filha.

— Não tem nenhuma maneira de conseguir, Papai?

— Não tem — disse o Rei. — Eu me esforcei muito e tentei de todas as formas.

Ao ouvir aquelas palavras, a Princesa Alícia levou a mão ao bolso onde mantinha a espinha de peixe mágica.

— Papai — disse ela —, quando já nos esforçamos muito e tentamos de todas as formas é porque já fizemos o melhor do melhor que podíamos?

— Sem dúvidas, Alícia.

— Quando fizemos o melhor do melhor que podíamos, Papai, e não foi suficiente, então eu acho que é a hora de pedir ajuda — Esse era o segredo especial da espinha de peixe mágica, que ela descobriu a partir das palavras da boa Fada Marina, e que sussurrava com frequência para a Duquesa, sua amiga linda e elegante.

Então ela tirou do bolso a espinha de peixe mágica — que tinha sido secada, esfregada e polida até que brilhasse como madrepérola —, deu um beijinho nela e desejou que fosse o dia de pagamento. E, imediatamente, aquele dia *se tornou* o dia de pagamento, e o salário do Rei desceu pela chaminé, caindo e se espalhando no chão da cozinha.

Mas isso não foi nem metade do que aconteceu, nem um quarto sequer, pois logo após isso a boa Fada Marina chegou numa carruagem puxada por quatro pavões, com o rapazinho do Sr. Pickles montado atrás, vestido de prata e ouro, chapéu armado, cabelo penteado, meias de seda, uma bengala encrustada de joias e um buquê de flores. O jovem desceu com seu chapéu armado na mão e, educadamente (pois foi totalmente transformado pelo encantamento), ajudou Fada Marina a descer da carruagem. E lá estava ela em seu rico vestido de seda furta-cor, cheirando a lavanda, abanando-se com um leque brilhante.

— Alícia, minha querida — disse a Fada elegante —, como está? Espero que muito bem, dê-me um beijo!

A Princesa Alícia a abraçou, e então Fada Marina se virou para o Rei e perguntou:

— O Senhor se comportou bem?

Ele disse que esperava que sim.

— Suponho que *agora* você saiba o porquê de minha afilhada aqui — disse a fada, beijando a Princesa novamente — não ter usado a espinha de peixe antes?

O Rei fez uma reverência acanhada.

— Ah, mas você não sabia *antes*! — disse a Fada.

Ele fez uma reverência ainda mais acanhada, curvando-se um pouco mais do que anteriormente.

— Mais alguma coisa? — perguntou a Fada.

O Rei disse que não e que sentia muito.

— Então continue se comportando bem — disse a Fada — e viva feliz para sempre!

Então, a Fada Marina agitou seu leque e a Rainha entrou esplendidamente vestida, e os dezessete jovens Príncipes e Princesas, que já não cabiam mais nas suas roupas, entraram com vestimentas novas da cabeça aos pés, com pregas que pudessem ser soltas. Em seguida, a Fada encostou seu leque na Princesa Alícia e o grosso avental que a sufocava voou, e ela apareceu primorosamente vestida como uma pequena noiva, com uma coroa de flores de laranjeira e um véu prateado. Após isso, o armário da cozinha se transformou em um belo guarda-roupa de madeira nobre, ouro e vidro, cheio de vestidos de todos os tipos, todos para ela e exatamente do seu tamanho. Logo depois, o bebê angelical chegou correndo sozinho, com seu rosto e olhinho quase sarados. Por sua vez, Fada Marina implorou para ser apresentada à Duquesa, e quando esta foi trazida, elas trocaram muitos elogios.

A Fada e a Duquesa conversaram através de sussurros, e em seguida a Fada disse em voz alta:

— Sim, pensei mesmo que ela lhe contaria!

Fada Marina, virando-se para o Rei e para a Rainha, anunciou:

— Vamos em busca do Príncipe Encantado. Vossa Presença Real é aguardada na igreja em exatamente meia hora.

Assim, ela e a Princesa Alícia entraram na carruagem, o rapazinho do Sr. Pickles trouxe a Duquesa ajudando-a a se sentar no banco oposto, e logo o rapaz subiu os degraus da traseira da carruagem, e os pavões voaram com as lindas caudas abertas.

O Príncipe Encantado estava sentado sozinho comendo doces e esperando seus noventa anos chegarem. Quando ele viu os pavões seguidos da carruagem entrando pela janela, imediatamente pensou que aconteceria algo extraordinário.

— Príncipe — disse Fada Marina —, apresento-lhe sua noiva.

No mesmo instante em que a Fada pronunciou aquelas palavras, o Príncipe Encantado começou a rejuvenescer, e seu paletó e calças mudaram para um veludo cor de pêssego, e seu cabelo se encaracolou, e um chapéu com uma pena chegou voando como um pássaro e pousou suavemente em sua cabeça. Ele entrou na carruagem a convite da Fada e ali reencontrou a Duquesa, a quem já havia visto antes.

Na igreja estavam os parentes e amigos do Príncipe, assim como os parentes e amigos da Princesa Alícia, os dezessete Príncipes e Princesas, o bebê e uma multidão de vizinhos. O casamento foi lindo além da conta. A Duquesa foi a dama de honra e assistiu à cerimônia do púlpito, sentada numa almofada.

Em seguida, Fada Marina ofereceu um magnífico banquete de casamento, no qual havia de tudo e mais um pouco para comer, e de tudo e mais um pouco para beber. O bolo de casamento foi delicadamente ornamentado com fitas de cetim branco, glacê prateado e lírios brancos, e tinha nada menos que doze andares.

Depois disso, Fada Marina brindou ao jovem casal. Então o Príncipe Encantado fez um discurso, e todos gritaram "Vivam os noivos!". A Fada anunciou ao Rei e à Rainha que, nos anos seguintes, haveria oito dias de pagamento em cada ano, exceto em anos bissextos, quando haveria dez. Em seguida, voltou-se para o Príncipe Encantado e para a Princesa Alícia e disse:

— Meus queridos, vocês terão trinta e cinco filhos, e todos eles serão fortes e lindos. Dezessete deles serão meninos, e dezoito serão meninas. Todos com cabelos encaracolados. Eles nunca terão sarampo e já terão se recuperado da coqueluche antes mesmo de nascer.

Ao ouvir as boas notícias, todos gritaram novamente:

— Vivam os noivos!

— Resta apenas — concluiu Fada Marina — dar um fim à espinha de peixe.

Então ela a tomou da mão da Princesa Alícia e, como um passe de mágica, a espinha imediatamente voou garganta abaixo do terrível cãozinho *pug* da vizinha. Ele se engasgou e morreu em convulsões.

FIM

Figura 2 — Ilustração final da obra



Fonte: PEARSE, S. Beatrice. In: DICKENS, Charles. *The Magic Fishbone*, 1867.

5.2. COMENTÁRIOS

5.2.1. Expressões e estilo

O conto traz algumas expressões de caráter exclamativo e marcadas por oralidade que me fizeram refletir bastante sobre suas traduções e recorrer ao uso de soluções mais naturais no texto alvo.

Uma delas é "*Hoity toity me*", quando Fada Marina fica furiosa com o Rei. De acordo com o dicionário online *Merriam-Webster*, a expressão pode ser usada como adjetivo ou como substantivo, este último referindo-se a um comportamento insensato ou tolo; o site informa também que a expressão "trata-se de uma reduplicação do verbo *hoit*, do inglês antigo, palavra para a qual o *Oxford English Dictionary* oferece a esplêndida definição de 'brincar de forma deselegante'"[2]. Ao traduzir "*There!*", a palavra anterior, como "Basta!", pensei em omitir a expressão seguinte, no entanto, o sentido dela no trecho é uma indignação teatral, uma fala afetada da personagem, expressiva e exagerada, então decidi por "Francamente!" para intensificar o sentido e preservar o valor pragmático de indignação e reprovação.

Quadro 1 — Tradução de expressão exclamativa

Texto fonte	Texto alvo
There! Hoity toity me!	Basta! Francamente!

Fonte: elaborado pela autora.

[2] Tradução minha de "*It is a reduplication of the older English verb hoit, a word for which the Oxford English Dictionary provides the splendid definition of 'to romp inelegantly*'" (Merriam-Webster, 2026).

A outra expressão, encontrada no fim do texto, é “*Hip hip hip hurrah*!”. Inicialmente, pensei em manter o estrangeirismo, visto que mesmo não sendo usado no português brasileiro, a expressão é compreensível pelo contexto. Entretanto, optei por “vivam os noivos”, frase muito falada no momento do brinde ou na saudação de felicidades ao casal após a cerimônia de casamento.

Quadro 2 — Tradução de expressão exclamativa

Texto fonte	Texto alvo
When Grandmarina had drunk her love to the young couple, and Prince Certainpersonio had made a speech, and everybody had cried Hip hip hip hurrah!	Depois disso, Fada Marina brindou ao jovem casal. Então o Príncipe Encantado fez um discurso, e todos gritaram "Vivam os noivos!".

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação ao ritmo característico do texto fonte, busquei preservá-lo, sempre que possível, por meio de repetições sintáticas e lexicais. Na linguagem infantil, a intensidade muitas vezes é expressa através da repetição, desse modo, no conto, as repetições são feitas de modo simples e recorrentes, contribuindo assim para a construção de uma voz narrativa que simula a escrita infantil. Os trechos são marcados por insistências, por associações inesperadas, eles causam um efeito acumulativo que intensifica o humor e evocam no leitor a impressão de que só uma criança pensaria nisso. Aqui a repetição não é tida como redundância, mas sim como um recurso expressivo que dialoga com o próprio estilo literário de Charles Dickens. A seguir, alguns exemplos:

Quadro 3 — Tradução de repetição

Texto fonte	Texto alvo
[…] *and did all that ever she could, and was as busy busy busy, as busy could be.*	Ela fez tudo que podia, e ficou muito, muito, muito ocupada.
[…] *terrified him out of his wits and he put his hand through a pane of glass, and bled bled bled.*	[…] o pavor foi tanto que ele apoiou a mão numa vidraça e sangrou, sangrou, sangrou.

Fonte: elaborado pela autora.

No trecho a seguir, Dickens organiza uma sequência de movimentos que achei divertido de traduzir devido ao efeito visual e rítmico que ele constrói com a repetição e alternância de movimentos de subida e descida. A princesa Alícia sobe na cadeira, sobe de novo, desce e sobe de novo, criando um vai e vem, quase como uma cena em câmera rápida, reforçando a agitação e pressa da princesa em acudir a rainha:

Quadro 4 — Tradução de ritmo

Texto fonte	Texto alvo
But remembering where the smelling-bottle was, she climbed on a chair and got it, and after that she climbed on another chair by the bedside and held the smelling-bottle to the Queen's nose, and after that she jumped down and got some water, and after that she jumped up again and wetted the Queen's forehead […]	Mas, se lembrando de onde ficava o frasquinho de sais aromáticos, que tinha um cheiro forte capaz de despertar o corpo, subiu numa cadeira e o pegou, depois subiu em outra cadeira ao lado da cama e levou o frasco ao nariz da Rainha. Então, pulou para baixo e pegou um pouco de água, subiu de novo e umedeceu a testa da Rainha.

Fonte: elaborado pela autora.

Após o incidente do jovem príncipe com a vidraça, Alícia se prontificou a fazer um curativo na mão dele. O texto original traz aliteração em "*snip/stitch*" e "*cut/contrive*", então para recriar o jogo sonoro pensei em palavras que começassem com a letra "c". Ainda que "recortar" não se inicie com a mesma consoante, há forte repetição de "c", e a solução manteve o ritmo, o paralelismo e o efeito acumulativo.

Quadro 5 — Tradução de aliteração

Texto fonte	Texto alvo
[…] *I must snip and stitch and cut and contrive.*	Tenho que cortar e costurar, recortar e consertar.
[…] *Princess Alicia sat down on the floor with a large pair of scissors*	[…] a Princesa Alícia sentou-se no chão com uma tesoura grande, com agulha e

and a needle and thread, and snipped and stitched and cut and contrived, and made a bandage and put it on, and it fitted beautifully […]	linha, cortou e costurou, recortou e consertou, fez um curativo e o colocou, e ficou perfeito.

Fonte: elaborado pela autora.

Esse foi um dos casos em que simplifiquei o trecho para não comprometer a fluidez do texto. O texto fonte descreve o que a princesa Alícia entregava a cada um dos irmãos para que eles a ajudassem na cozinha. É comum na Língua Portuguesa termos repetidos serem substituídos por sinônimos ou pronomes (entre outros recursos estilísticos) para não comprometer a coesão textual, então optei por não repetir “a um/a outro” e continuar listando os elementos após a locução “e assim por diante”.

Quadro 6 — Tradução de repetição

Texto fonte	Texto alvo
So to one she gave the salt-box, and to one she gave the barley, and to one she gave the herbs, and to one she gave the turnips, and to one she gave the carrots, and to one she gave the onions, and to one she gave the spice-box […]	Assim, a um ela deu o saleiro, a outro a cevada, e assim por diante com as ervas, os nabos, as cenouras, as cebolas e a caixa de temperos […]

Fonte: elaborado pela autora.

5.2.2. Personagens e contos de fadas

Em relação aos nomes dos personagens, decidi manter as designações “Princesa/Príncipe/Rei/Rainha” em maiúsculas e as repetições em parte pelo texto fonte que apresenta os nomes assim, e por parecer uma ênfase que uma criança daria. O mesmo ocorreu com “Fada” e “Mamãe”.

O nome da fada foi traduzido de "*Good Fairy Grandmarina*" para "Boa Fada Marina". O motivo principal da substituição foi com o intuito de o nome da personagem parecer mais natural na língua portuguesa. "Marina" é um nome comum e a junção

remete à "fada madrinha", que, no contexto brasileiro, é como estamos acostumados a pensar numa fada que concede desejos. Essa escolha também reflete um pouco da brincadeira que Dickens faz ao longo do conto: misturar o comum com o extraordinário.

Apesar de “Fada Marina” ser nomeada como “boa”, na Inglaterra vitoriana, a opinião sobre as fadas era controversa. Participantes do sobrenatural celta e medieval, elas podiam auxiliar e conceder bençãos ou proferir maldições e ameaças. Charles Dickens apresenta a personagem em seu conto como uma figura encantadora, mediadora de lições de virtude e ponte entre os seres humanos e o que eles desejam. No entanto, em alguns trechos é possível perceber o caráter poderoso e até amedrontador da fada, a exemplo, quando o Rei se deu conta de quem ela era e se assustou com a sua fúria:

Quadro 7 — Tradução de caracterização de personagem: Fada Marina

Texto fonte	Texto alvo
It instantly flashed upon the King that she must be a Fairy, or how could she know that?	Instantaneamente, o Rei se deu conta de que ela deveria ser uma Fada, pois como ela poderia saber daquilo?
The King was extremely frightened by the old lady’s flying into such a passion, and said he was very sorry to have offended her, and he wouldn’t ask for reasons any more.	O Rei ficou extremamente assustado com o rompante da senhora, então pediu desculpas por ofendê-la e disse que não perguntaria mais.

Fonte: elaborado pela autora.

O livro *O Conto de Fadas: símbolos - mitos - arquétipos* (2012), de Nelly Novaes Coelho (professora, pesquisadora e crítica literária), relembra o mundo fantástico dos contos de fadas num estudo sobre autores e obras famosas do gênero (como Esopo, Perrault, Grimm, entre outros). Coelho (2012, p. 85) discorre sobre a diferença entre contos maravilhosos e contos de fadas, alegando que o primeiro tem como tema central o materialismo, a procura por poder e riquezas; enquanto o segundo é mais ligado à realização interior. Sendo assim, ela afirma que “as fadas aparecem como *mediadoras* [...] entre os humanos e a felicidade a que têm direito” (Coelho, 2012, p.79); e considera que:

> Tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens, para auxiliá-los em situações-limite, quando já nenhuma solução natural seria possível (Coelho, 2012, p. 78).

Um ponto interessante que notei após ler as outras duas traduções foi que ambas se referem a "*dried lavender*", o cheiro da Fada, como "alfazema", enquanto optei por deixar somente "lavanda". Lavanda e alfazema muitas vezes são usadas como sinônimos; entretanto, apesar de pertencerem ao mesmo gênero (*Lavandula*), são de espécies diferentes. A lavanda possui um aroma mais doce, floral e delicado, e é mais usada para perfumes e fragrâncias sofisticadas; já a alfazema se destaca em aromatizadores e produtos de limpeza, com cheiro mais forte e com maior concentração de cânfora. No Brasil é mais comum o termo lavanda, e alfazema em Portugal e em contextos mais tradicionais. Assim, a fragrância da lavanda dialoga com a elegância da Fada Marina.

Sobre o príncipe "*Certainpersonio*", tive muitas dúvidas. Após dias refletindo, a primeira alternativa foi "Fulano de Tal", para dar o sentido de "Certa Pessoa". A segunda opção foi "Beltrano", devido aos termos "fulano, beltrano e sicrano". Depois, seguindo comentários, acrescentei "encantado", ficando "Beltrano Encantado", no entanto, ainda não soava bem, nem parecia fazer sentido para a história. A maioria dos nomes dos personagens foi mantida, mas esse, por parecer tão diferente, optei por domesticar. A escolha final foi somente o "Encantado", afinal, como que por um encanto, ele rejuvenesceu!

5.2.3. Elementos culturais

O conto, ambientado na Inglaterra vitoriana, ressalta uma cultura diferente da brasileira, portanto, para melhor entendimento e adequação ao propósito da tradução, alguns elementos precisaram ser domesticados, enquanto outros foram mantidos e, quando preciso, explicitados.

Na tradição britânica e irlandesa, existiam quatro datas ao ano em que se iniciavam os anos letivos, se contratavam trabalhadores e se realizavam pagamentos: o "*quarter day*". O orçamento do valor esperado para o ano inteiro era dividido nessas quatro datas, ou seja, o pagamento era feito de forma trimestral.

Quadro 8 — Tradução de elemento cultural: dia de pagamento

Texto fonte	Texto alvo
The King went on towards the office in a melancholy mood, for quarter day was such a long way off.	O Rei continuou em direção ao escritório sentindo-se melancólico, pois o dia de pagamento – realizado a cada três meses – ainda estava longe […]

Fonte: elaborado pela autora.

Nessas datas ocorrem festivais religiosos, próximos aos solstícios e equinócios. São elas: *Lady Day – The Feast of the Annunciation* (A Festa da Ascensão), em 25 de março (equinócio da primavera); *Midsummer Day – The Feast of St. John the Baptist* (Natividade de São João Batista), em 24 de junho (solstício de verão); *Michaelmas Day – The Feast of St. Michael and All Angels* (Festa de São Miguel e Todos os Anjos), em 29 de setembro (equinócio de outono); e *Christmas Day – The Feast of the Nativity* (dia de Natal, Festa da Natividade), em 25 de dezembro (solstício de inverno).

Sendo assim, algo muito diferente da nossa cultura, optei por "dia de pagamento" e, em seguida, explicitei que ocorria a cada três meses, contextualizando o porquê de ainda estar tão longe o pagamento do rei. A explicitação é um dos "efeitos prosódicos" derivados da lista de soluções gerais de Vinay e Darbelnet, que Anthony Pym descreve em *Explorando as Teorias da Tradução* (2017, p. 42-43). Essa solução é evidenciada quando a tradução especifica o que está implícito no texto fonte.

As unidades de medida presentes no texto fonte foram moedas, peso e distância, todas de acordo com o sistema britânico. Isto posto, preferi adaptá-las para valores aproximados no sistema brasileiro de medição, exceto a moeda (libra esterlina) que permaneceu.

A moeda oficial do Reino Unido é a libra esterlina. Ao escrever os quatro contos de *Holiday Romance*, Charles Dickens recebeu mil libras esterlinas (£1,000), que valem em torno de sete mil reais, hoje em dia. Devido à inflação da moeda, para descobrir quanto as mil libras de 1868 valeriam em 2025, foi usada a calculadora de inflação do site *Bank of England*, e o resultado foi de aproximadamente noventa e oito mil libras esterlinas (£98,000), que atualmente equivale em média a setecentos e cinco

mil reais (R$705.000,00). Mantive o valor em libras esterlinas por extenso e entre parênteses o valor aproximado atualmente.

Quadro 9 — Tradução de elemento cultural: libras esterlinas

Texto fonte	Texto alvo
For this and four other Christmas pieces Dickens received £1,000.	Dickens recebeu mil libras esterlinas (aproximadamente noventa e oito mil libras esterlinas, atualmente) por esta e mais quatro obras natalinas.

Fonte: elaborado pela autora.

Um trecho que demandou reflexão aprofundada foi "*a pound and a half of salmon not too near the tail*". A primeira parte, "*a pound and a half*", ou seja, uma libra e meia, equivale a aproximadamente 0,68 kg (ou 680 g). Traduzi para "meio quilo de salmão", levando em conta que 680 g é mais próximo de 500 g. Cogitei arredondar para mais e deixar "um quilo", porém, mais adiante no conto, a fada sugere que ele quer comer sem dividir com a princesa, e como não é citado que ele ofereceria a mais ninguém, um quilo pareceria muito para ele desfrutar sozinho.

Em seguida, traduzi "*not too near the tail*" inicialmente como "meio quilo de salmão sem cauda". Uma outra interpretação do trecho é que não fosse um pedaço muito pequeno do peixe. O salmão geralmente é dividido em três cortes: barriga (mais nobre e gordurosa), lombo (mais firme e menos gorduroso) e cauda (mais rígida). Sendo assim, interpretei que o corte não seria tão perto da cauda para aproveitar também as melhores partes do peixe:

Quadro 10 — Tradução de terminologia específica: salmão

Texto fonte	Texto alvo
[…] *when he stopped at the fishmonger's to buy a pound and a half of salmon not too near the tail* […]	[…] parou na peixaria para comprar meio quilo de salmão da melhor qualidade […]

Fonte: elaborado pela autora.

Ainda em relação às medidas, o bolo de casamento de doze andares da Princesa Alícia e do Príncipe Encantado foi alvo de bastante análise. No texto fonte, o bolo tinha "*forty-two yards round*", ou seja, 42 jardas de circunferência, que equivalem a aproximadamente 38,4 metros de circunferência. Contudo, no contexto brasileiro, um bolo geralmente é medido pelo seu peso (em kg) ou pelo seu diâmetro (em cm); essas duas medidas determinam o rendimento do bolo e o tamanho da forma a se utilizar. Portanto, 38,4 metros de circunferência equivalem a 12,2 metros de diâmetro (calculado com a fórmula $D=C/\pi$). Pela perspectiva de uma criança, faz sentido o bolo ser imenso, mas dificilmente ela empregaria o termo "diâmetro". Só então, me veio à mente a imagem de um bolo de casamento pomposo com vários andares, muito mais comum nas festividades. Dickens cria uma imagem delicada e elegante e, em seguida, insere o exagero absurdo:

Quadro 11 — Tradução de elemento cultural: bolo de casamento

Texto fonte	Texto alvo
The wedding cake was delicately ornamented with white satin ribbons, frosted silver and white lilies, and was forty-two yards round.	O bolo de casamento foi delicadamente ornamentado com fitas de cetim branco, glacê prateado e lírios brancos, e tinha nada menos que doze andares.

Fonte: elaborado pela autora.

A tradução de "*smelling-bottle*" foi um desafio por ser um objeto do contexto vitoriano sem um equivalente imediatamente reconhecível para o público-alvo brasileiro. O objeto consistia num pequeno frasco que continha sais aromáticos ou essências fortes, muito utilizado para reanimar pessoas desmaiadas e aliviar tonturas. Utilizando uma estratégia híbrida pontual, traduzi para "frasquinho de sais aromáticos" com o intuito de preservar esse contexto cultural e contribuir para a ambientação histórica da narrativa. Em complemento, foi adicionada a explicação "que tinha um cheiro forte capaz de despertar o corpo", para tornar mais acessível a compreensão do leitor.

Quadro 12 — Tradução de elemento cultural: frasquinho de sais

Texto fonte	Texto alvo
But remembering where the smelling-bottle was […]	Mas, se lembrando de onde ficava o frasquinho de sais aromáticos, que tinha um cheiro forte capaz de despertar o corpo [...]

Fonte: elaborado pela autora.

Embora não haja evidência de que "*cold iron*" fosse uma prática medicinal para o tratamento de inchaços no período vitoriano, a aplicação de objetos frios para a redução de inflamações pode ser compreendida como uma prática plausível. No imaginário inglês o ferro também pode atuar como proteção contra o sobrenatural, repelindo fadas e afastando espíritos, por exemplo. Em um conto de fadas como o de Dickens, a palavra "*iron*" não estaria ali por acaso, ela evoca realidade e pragmatismo no gesto doméstico da princesa, o oposto da magia.

Para um leitor brasileiro, encostar ferro frio no olho pode soar estranho *a priori*, porém, na nossa cultura também existe a prática de utilizar colheres frias para aliviar inchaços e olheiras. Preferi não domesticar o trecho pois é possível entendê-lo fazendo essa associação.

Quadro 13 — Tradução de elemento cultural: ferro frio

Texto fonte	Texto alvo
[…] *and she held cold iron to his poor dear eye* […]	[…] então ela encostou ferro frio para aliviar o olho roxinho [...]

Pensando no ambiente doméstico vitoriano, a tradução de "*fell under the grate*" foi alvo de muita reflexão, pois "*grate"* se refere à peça metálica onde o carvão ou a lenha ficam apoiados dentro da lareira. Sendo assim, o fogo não fica no chão, ele fica levantado dentro da grade, e isso cria um vão, onde ficam as cinzas. Foi nesse espaço que o bebê caiu, debaixo da grade, e não diretamente no fogo. Entender isto visualmente foi fundamental para recriar o sentido da frase. Ao optar por "debaixo da grade da lareira", é possível manter uma imagem mais precisa da cena, ainda que cause leve estranhamento. A alternativa "perto da lareira" também foi considerada por ser mais natural em português, no entanto, perderia a imagem sugerida pelo original.

Quadro 14 — Tradução de elemento cultural: grade da lareira

Texto fonte	Texto alvo
Well! and so another time the baby fell under the grate.	Pois bem! Em outra ocasião, o bebê caiu debaixo da grade da lareira.

Fonte: elaborado pela autora.

Outro trecho que evidencia o humor peculiar de Dickens é quando a Princesa Alícia é encarada pelos dezessete irmãos. O autor brinca com a matemática infantil e com a quantidade de olhos dos personagens. Ele imita a fala de uma criança fazendo conta em voz alta ou anotando num caderno. A dificuldade nessa parte foi entender que se tratava da descrição de uma conta. O curioso é que ele multiplica 17 vezes 2, resultando em 34, então diz que o "4" vai para baixo (*put down four*) e o "3" vai para a próxima coluna (*carry three*), transformando uma multiplicação numa soma com transporte. A estratégia usada foi manter a estranha operação matemática, acrescentando “sobe um e desce três” para ilustrar o modo brasileiro de fazer conta.

Quadro 15 — Tradução da contagem dos olhos

Texto fonte	Texto alvo
And then she put the wounded Prince’s hand in a basin of fresh cold water, while they stared with their twice seventeen are thirty-four put down four and carry three eyes.	Ela botou a mão do Príncipe ferido numa bacia com água fria, enquanto era encarada por duas vezes dezessete olhos que são trinta e quatro, põe o quatro embaixo, sobe um e desce três;

Fonte: elaborado pela autora.

Nas casas da burguesia e aristocracia vitorianas era comum encontrar os famosos "*lapdogs*": cães de pequeno porte mantidos principalmente como animais de companhia. O *pug*, em especial, por participar do ambiente doméstico confortável e da vida social burguesa, era uma referência familiar para o leitor da época.

Ao traduzir “*snapping pug-dog*” (que tem duas ocorrências no conto) para “terrível cãozinho *pug* da vizinha”, optei por manter “*pug*”, preservando o contexto cultural, e escolhi “cãozinho” para contrastar o tamanho reduzido do animal com a sua

descrição como “terrível”. Embora a característica mais agressiva de “*snapping*” não tenha sido traduzida diretamente, ela pode ser percebida no trecho a seguir, mostrando o cachorro como um elemento ameaçador e recriando a ironia. O autor não escolhe um animal feroz típico dos contos de fadas, como lobos ou dragões, ele insere um cãozinho doméstico burguês e transforma o perigo da narrativa em algo cômico, familiar e até meio ridículo para o leitor vitoriano.

Quadro 16 — Tradução de elemento cultural: pug

Texto fonte	Texto alvo
And so another time the dreadful little snapping pug-dog next door made a rush at one of the young Princes as he stood on the steps coming home from school […]	Em outra ocasião, o terrível cãozinho *pug* da vizinha avançou em um dos jovens Príncipes quando este voltava da escola […]

Fonte: elaborado pela autora.

O final inesperado de *The Magic Fishbone* evidencia mais uma vez o estilo literário de Charles Dickens, com o exagero e humor marcado pela ironia. A quantidade de filhos e a ausência de doenças rompem com a lógica da realidade e reforçam a perspectiva infantil da narrativa. A solução "como um passe de mágica", quando a fada decide dar fim à espinha de peixe, revela uma escolha tradutória expressiva e particularmente eficaz ao condensar a ideia de instantaneidade presente em "*and it instantly flew down*" numa expressão idiomática do português.

Quadro 17 — Tradução de expressão idiomática

Texto fonte	Texto alvo
So she took it from the hand of the Princess Alicia, and it instantly flew down the throat of the dreadful little snapping pug-dog next door and choked him, and he expired in convulsions.	Então ela a tomou da mão da Princesa Alícia e, como um passe de mágica, a espinha imediatamente voou garganta abaixo do terrível cãozinho pug da vizinha. Ele se engasgou e morreu em convulsões.

Fonte: elaborado pela autora.

6. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo propor uma (re)tradução comentada do conto *The Magic Fishbone*, de Charles Dickens, buscando um equilíbrio entre acolher o estrangeiro e manter a fluidez do texto. Ao longo do processo tradutório, busquei preservar os elementos característicos da escrita de Dickens, entre eles as repetições, o ritmo, o exagero, o humor e a ironia, além da perspectiva infantil. Assim, procurei evitar tanto a domesticação quanto a estrangeirização excessivas, optando por soluções que fizessem mais sentido a depender do contexto histórico do trecho e da naturalidade na língua de chegada para o leitor juvenil.

Este trabalho contribui para os Estudos da Tradução ao mostrar, por meio dos comentários, a complexidade da prática tradutória de textos literários e ao tornar visível as dificuldades enfrentadas e decisões tomadas ao longo do percurso. Esta pesquisa compartilha da perspectiva de retradução de Berman (2013), em que os textos literários permanecem abertos a novas leituras e reinterpretações ao longo do tempo. A retradução, nesse sentido, torna-se um espaço de renovação, uma oportunidade de revisitar o texto fonte com outros olhares, oferecendo novas possibilidades de leituras da mesma obra, atingindo diferentes contextos históricos e culturais.

Ao longo deste trabalho, também pude perceber a diferença entre a prática tradutória no contexto acadêmico e no mercado editorial. Aqui, tive a oportunidade de refletir sobre cada escolha, priorizando o processo e compreendendo a tradução como investigação e construção de sentido. Nesta jornada, foi especialmente enriquecedor poder dedicar atenção a aspectos que, em outros contextos, exigiriam decisões mais ágeis, apontando as diferentes dinâmicas de trabalho dentro do fazer tradutório. Essa diferença reforça a riqueza e profundidade da tradução, uma prática capaz de se transformar a depender de sua finalidade.

Por fim, a tradução literária é uma atividade criativa e interpretativa, na qual o tradutor assume o papel de mediador entre culturas; um ofício que envolve muita leitura, reflexão e pesquisas. Sendo assim, (re)traduzir Dickens mostrou-se uma experiência única e de muita atenção aos detalhes, um exercício de recriação cuidadoso, no qual, como aponta Furlan (2013, p. 10), "o que se espera de nós é um pouco mais de ousadia".

REFERÊNCIAS

BANK OF ENGLAND. **Bank of England**. Disponível em: https://www.bankofengland.co.uk/monetary-policy/inflation/inflation-calculator. Acesso em: 26 set. 2025.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart, 2013. 200p.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Éditions Gallimard, 1995.

CECIN, Janete Cabral. A Teoria Interpretativa da Tradução. **Letras**, Santa Maria, v. 8, p. 55-66, jan./jun. 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos - mitos - arquétipos**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

DICKENS, Charles. **The Magic Fishbone**. 1867. Disponível em: https://www.gutenberg.org/ebooks/23344. Acesso em: 26 mar. 2026.

FURLAN, Mauri. **Retraduzir é preciso**. Scientia Traductionis, Florianópolis, n. 13, p. 284-294, 2013.

HAINING, Peter (ed.). **O círculo dos magos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. Tradução de Maria Alice Capocchi.

HOITY-TOITY. In: MERRIAM-WEBSTER. **Hoity-toity**. Disponível em https://www.merriam-webster.com/dictionary/hoity-toity. Acesso em: 27 mar. 2026.

LABISA, Catarina. **Charles Dickens: A Espinha Mágica**. 2013. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/194260104/CHARLES-DICKENS-A-ESPINHA-MAGICA. Acesso em: 19 set. 2025.

LEWIS, C. S.. **O leão, a feiticeira e o guarda-roupa**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023.

MERRIAM-WEBSTER. **The Joy of Reduplicative Rhyming Words**. Disponível em: https://www.merriam-webster.com/wordplay/weird-rhyming-words. Acesso em: 27 mar. 2026.

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (orgs.). **Literatura Traduzida**: tradução comentada e comentários de tradução: volume dois. Fortaleza: Substância, 2017. p. 15-35.

VENUTI, Lawrence. **A Invisibilidade do Tradutor: uma história da tradução**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.

ANEXO A – TEXTO FONTE

THE MAGIC FISHBONE

BY CHARLES DICKENS

A HOLIDAY ROMANCE FROM THE PEN OF MISS ALICE RAINBIRD AGED 7.

FOREWORD

The story contained herein was written by Charles Dickens in 1867. It is the second of four stories entitled “Holiday Romance” and was published originally in a children’s magazine in America. It purports to be written by a child aged seven. It was republished in England in “All the Year Round” in 1868. For this and four other Christmas pieces Dickens received £1,000.

“Holiday Romance” was published in book form by Messrs Chapman & Hall in 1874, with “Edwin Drood” and other stories.

For this reprint the text of the story as it appeared in “All the Year Round” has been followed.

There was once a King, and he had a Queen; and he was the manliest of his sex, and she was the loveliest of hers. The King was, in his private profession, Under Government. The Queen’s father had been a medical man out of town.

They had nineteen children, and were always having more. Seventeen of these children took care of the baby; and Alicia, the eldest, took care of them all. Their ages varied from seven years to seven months.

Let us now resume our story.

One day the King was going to the office, when he stopped at the fishmonger’s to buy a pound and a half of salmon not too near the tail, which the Queen (who was a careful housekeeper) had requested him to send home. Mr Pickles, the fishmonger, said, “Certainly, sir, is there any other article, Good-morning.”

The King went on towards the office in a melancholy mood, for quarter day was such a long way off, and several of the dear children were growing out of their clothes. He had not proceeded far, when Mr Pickles’s errand-boy came running after him, and said, “Sir, you didn’t notice the old lady in our shop.”

“What old lady?” enquired the King. “I saw none.”

Now, the King had not seen any old lady, because this old lady had been invisible to him, though visible to Mr Pickles's boy. Probably because he messed and splashed the water about to that degree, and flopped the pairs of soles down in that violent manner, that, if she had not been visible to him, he would have spoilt her clothes.

Just then the old lady came trotting up. She was dressed in shot-silk of the richest quality, smelling of dried lavender.

"King Watkins the First, I believe?" said the old lady.

"Watkins," replied the King, "is my name."

"Papa, if I am not mistaken, of the beautiful Princess Alicia?" said the old lady.

"And of eighteen other darlings," replied the King.

"Listen. You are going to the office," said the old lady.

It instantly flashed upon the King that she must be a Fairy, or how could she know that?

"You are right," said the old lady, answering his thoughts, "I am the Good Fairy Grandmarina. Attend. When you return home to dinner, politely invite the Princess Alicia to have some of the salmon you bought just now."

"It may disagree with her," said the King.

The old lady became so very angry at this absurd idea, that the King was quite alarmed, and humbly begged her pardon.

"We hear a great deal too much about this thing disagreeing, and that thing disagreeing," said the old lady, with the greatest contempt it was possible to express. "Don't be greedy. I think you want it all yourself."

The King hung his head under this reproof, and said he wouldn't talk about things disagreeing, any more.

"Be good, then," said the Fairy Grandmarina, "and don't! When the beautiful Princess Alicia consents to partake of the salmon—as I think she will—you will find she will leave a fish-bone on her plate. Tell her to dry it, and to rub it, and to polish it till it shines like mother-of-pearl, and to take care of it as a present from me."

"Is that all?" asked the King.

"Don't be impatient, sir," returned the Fairy Grandmarina, scolding him severely. "Don't catch people short, before they have done speaking. Just the way with you grown-up persons. You are always doing it."

The King again hung his head, and said he wouldn't do so any more.

“Be good then,” said the Fairy Grandmarina, “and don’t! Tell the Princess Alicia, with my love, that the fish-bone is a magic present which can only be used once; but that it will bring her, that once, whatever she wishes for, PROVIDED SHE WISHES FOR IT AT THE RIGHT TIME. That is the message. Take care of it.”

The King was beginning, “Might I ask the reason—?” when the Fairy became absolutely furious.

“*Will* you be good, sir?” she exclaimed, stamping her foot on the ground. “The reason for this, and the reason for that, indeed! You are always wanting the reason. No reason. There! Hoity toity me! I am sick of your grown-up reasons.”

The King was extremely frightened by the old lady’s flying into such a passion, and said he was very sorry to have offended her, and he wouldn’t ask for reasons any more.

“Be good then,” said the old lady, “and don’t!”

With those words, Grandmarina vanished, and the King went on and on and on, till he came to the office. There he wrote and wrote and wrote, till it was time to go home again. Then he politely invited the Princess Alicia, as the Fairy had directed him, to partake of the salmon. And when she had enjoyed it very much, he saw the fish-bone on her plate, as the Fairy had told him he would, and he delivered the Fairy’s message, and the Princess Alicia took care to dry the bone, and to rub it, and to polish it till it shone like mother-of-pearl.

And so when the Queen was going to get up in the morning, she said, “O, dear me, dear me; my head, my head!” and then she fainted away.

The Princess Alicia, who happened to be looking in at the chamber-door, asking about breakfast, was very much alarmed when she saw her Royal Mamma in this state, and she rang the bell for Peggy, which was the name of the Lord Chamberlain. But remembering where the smelling-bottle was, she climbed on a chair and got it, and after that she climbed on another chair by the bedside and held the smelling-bottle to the Queen’s nose, and after that she jumped down and got some water, and after that she jumped up again and wetted the Queen’s forehead, and, in short, when the Lord Chamberlain came in, that dear old woman said to the little Princess, “What a Trot you are! I couldn’t have done it better myself!”

But that was not the worst of the good Queen’s illness. O, no! She was very ill indeed, for a long time. The Princess Alicia kept the seventeen young Princes and Princesses quiet, and dressed and undressed and danced the baby, and made the

kettle boil, and heated the soup, and swept the hearth, and poured out the medicine, and nursed the Queen, and did all that ever she could, and was as busy busy busy, as busy could be. For there were not many servants at that Palace, for three reasons; because the King was short of money, because a rise in his office never seemed to come, and because quarter day was so far off that it looked almost as far off and as little as one of the stars.

But on the morning when the Queen fainted away, where was the magic fish-bone? Why, there it was in the Princess Alicia's pocket. She had almost taken it out to bring the Queen to life again, when she put it back, and looked for the smelling-bottle.

After the Queen had come out of her swoon that morning, and was dozing, the Princess Alicia hurried up-stairs to tell a most particular secret to a most particularly confidential friend of hers, who was a Duchess. People did suppose her to be a Doll; but she was really a Duchess, though nobody knew it except the Princess.

This most particular secret was a secret about the magic fish-bone, the history of which was well known to the Duchess, because the Princess told her everything. The Princess kneeled down by the bed on which the Duchess was lying, full-dressed and wide awake, and whispered the secret to her. The Duchess smiled and nodded. People might have supposed that she never smiled and nodded, but she often did, though nobody knew it except the Princess.

Then the Princess Alicia hurried downstairs again, to keep watch in the Queen's room. She often kept watch by herself in the Queen's room; but every evening, while the illness lasted, she sat there watching with the King. And every evening the King sat looking at her with a cross look, wondering why she never brought out the magic fish-bone. As often as she noticed this, she ran up-stairs, whispered the secret to the Duchess over again, and said to the Duchess besides, "They think we children never have a reason or a meaning!" And the Duchess, though the most fashionable Duchess that ever was heard of, winked her eye.

"Alicia," said the King, one evening when she wished him Good Night.

"Yes, Papa."

"What is become of the magic fish-bone?"

"In my pocket, Papa."

"I thought you had lost it?"

"O, no, Papa."

"Or forgotten it?"

“No, indeed, Papa.”

And so another time the dreadful little snapping pug-dog next door made a rush at one of the young Princes as he stood on the steps coming home from school, and terrified him out of his wits and he put his hand through a pane of glass, and bled bled bled. When the seventeen other young Princes and Princesses saw him bleed bleed bleed, they were terrified out of their wits too, and screamed themselves black in their seventeen faces all at once. But the Princess Alicia put her hands over all their seventeen mouths, one after another, and persuaded them to be quiet because of the sick Queen. And then she put the wounded Prince’s hand in a basin of fresh cold water, while they stared with their twice seventeen are thirty-four put down four and carry three eyes, and then she looked in the hand for bits of glass, and there were fortunately no bits of glass there. And then she said to two chubby-legged Princes who were sturdy though small, “Bring me in the Royal rag-bag; I must snip and stitch and cut and contrive.” So those two young Princes tugged at the Royal rag-bag and lugged it in, and the Princess Alicia sat down on the floor with a large pair of scissors and a needle and thread, and snipped and stitched and cut and contrived, and made a bandage and put it on, and it fitted beautifully, and so when it was all done she saw the King her Papa looking on by the door.

“Alicia.”

“Yes, Papa.”

“What have you been doing?”

“Snipping stitching cutting and contriving, Papa.”

“Where is the magic fish-bone?”

“In my pocket, Papa.”

“I thought you had lost it?”

“O, no, Papa.”

“Or forgotten it?”

“No, indeed, Papa.”

After that, she ran up-stairs to the Duchess and told her what had passed, and told her the secret over again, and the Duchess shook her flaxen curls and laughed with her rosy lips.

Well! and so another time the baby fell under the grate. The seventeen young Princes and Princesses were used to it, for they were almost always falling under the grate or down the stairs, but the baby was not used to it yet, and it gave him a swelled

face and a black eye. The way the poor little darling came to tumble was, that he slid out of the Princess Alicia's lap just as she was sitting in a great coarse apron that quite smothered her, in front of the kitchen-fire, beginning to peel the turnips for the broth for dinner; and the way she came to be doing that was, that the King's cook had run away that morning with her own true love who was a very tall but very tipsy soldier. Then, the seventeen young Princes and Princesses, who cried at everything that happened, cried and roared. But the Princess Alicia (who couldn't help crying a little herself) quietly called to them to be still, on account of not throwing back the Queen up-stairs, who was fast getting well, and said, "Hold your tongues, you wicked little monkeys, every one of you, while I examine baby!" Then she examined baby, and found that he hadn't broken anything, and she held cold iron to his poor dear eye, and smoothed his poor dear face, and he presently fell asleep in her arms. Then, she said to the seventeen Princes and Princesses, "I am afraid to lay him down yet, lest he should wake and feel pain, be good, and you shall all be cooks." They jumped for joy when they heard that, and began making themselves cooks' caps out of old newspapers. So to one she gave the salt-box, and to one she gave the barley, and to one she gave the herbs, and to one she gave the turnips, and to one she gave the carrots, and to one she gave the onions, and to one she gave the spice-box, till they were all cooks, and all running about at work, she sitting in the middle smothered in the great coarse apron, nursing baby. By and by the broth was done, and the baby woke up smiling like an angel, and was trusted to the sedatest Princess to hold, while the other Princes and Princesses were squeezed into a far-off corner to look at the Princess Alicia turning out the saucepan-full of broth, for fear (as they were always getting into trouble) they should get splashed and scalded. When the broth came tumbling out, steaming beautifully, and smelling like a nosegay good to eat, they clapped their hands. That made the baby clap his hands; and that, and his looking as if he had a comic toothache, made all the Princes and Princesses laugh. So the Princess Alicia said, "Laugh and be good, and after dinner we will make him a nest on the floor in a corner, and he shall sit in his nest and see a dance of eighteen cooks." That delighted the young Princes and Princesses, and they ate up all the broth, and washed up all the plates and dishes, and cleared away, and pushed the table into a corner, and then they in their cooks' caps, and the Princess Alicia in the smothering coarse apron that belonged to the cook that had run away with her own true love that was the very tall but very tipsy soldier, danced a dance

of eighteen cooks before the angelic baby, who forgot his swelled face and his black eye, and crowed with joy.

And so then, once more the Princess Alicia saw King Watkins the First, her father, standing in the doorway looking on, and he said: “What have you been doing, Alicia?”

“Cooking and contriving, Papa.”

“What else have you been doing, Alicia?”

“Keeping the children light-hearted, Papa.”

“Where is the magic fish-bone, Alicia?”

“In my pocket, Papa.”

“I thought you had lost it?”

“O, no, Papa.”

“Or forgotten it?”

“No, indeed, Papa.”

The King then sighed so heavily, and seemed so low-spirited, and sat down so miserably, leaning his head upon his hand, and his elbow upon the kitchen table pushed away in the corner, that the seventeen Princes and Princesses crept softly out of the kitchen, and left him alone with the Princess Alicia and the angelic baby.

“What is the matter, Papa?”

“I am dreadfully poor, my child.”

“Have you no money at all, Papa?”

“None my child.”

“Is there no way left of getting any, Papa?”

“No way,” said the King. “I have tried very hard, and I have tried all ways.”

When she heard those last words, the Princess Alicia began to put her hand into the pocket where she kept the magic fish-bone.

“Papa,” said she, “when we have tried very hard, and tried all ways, we must have done our very very best?”

“No doubt, Alicia.”

“When we have done our very very best, Papa, and that is not enough, then I think the right time must have come for asking help of others.” This was the very secret connected with the magic fish-bone, which she had found out for herself from the good fairy Grandmarina’s words, and which she had so often whispered to her beautiful and fashionable friend the Duchess.

So she took out of her pocket the magic fish-bone that had been dried and rubbed and polished till it shone like mother-of-pearl; and she gave it one little kiss and wished it was quarter day. And immediately it was quarter day; and the King's quarter's salary came rattling down the chimney, and bounced into the middle of the floor.

But this was not half of what happened, no not a quarter, for immediately afterwards the good fairy Grandmarina came riding in, in a carriage and four (Peacocks), with Mr Pickles's boy up behind, dressed in silver and gold, with a cocked hat, powdered hair, pink silk stockings, a jewelled cane, and a nosegay. Down jumped Mr Pickles's boy with his cocked hat in his hand and wonderfully polite (being entirely changed by enchantment), and handed Grandmarina out, and there she stood in her rich shot silk smelling of dried lavender, fanning herself with a sparkling fan.

"Alicia, my dear," said this charming old Fairy, "how do you do, I hope I see you pretty well, give me a kiss."

The Princess Alicia embraced her, and then Grandmarina turned to the King, and said rather sharply:—"Are you good?"

The King said he hoped so.

"I suppose you know the reason, now, why my god-Daughter here," kissing the Princess again, "did not apply to the fish-bone sooner?" said the Fairy.

The King made her a shy bow.

"Ah! but you didn't then!" said the Fairy.

The King made her a shyer bow.

"Any more reasons to ask for?" said the Fairy.

The King said no, and he was very sorry.

"Be good then," said the Fairy, "and live happy ever afterwards."

Then, Grandmarina waved her fan, and the Queen came in most splendidly dressed, and the seventeen young Princes and Princesses, no longer grown out of their clothes, came in newly fitted out from top to toe, with tucks in everything to admit of its being let out. After that, the Fairy tapped the Princess Alicia with her fan, and the smothering coarse apron flew away, and she appeared exquisitely dressed, like a little Bride, with a wreath of orange-flowers and a silver veil. After that, the kitchen dresser changed of itself into a wardrobe, made of beautiful woods and gold and looking glass, which was full of dresses of all sorts, all for her and all exactly fitting her. After that, the angelic baby came in, running alone, with his face and eye not a bit the worse but

much the better. Then, Grandmarina begged to be introduced to the Duchess, and, when the Duchess was brought down many compliments passed between them.

A little whispering took place between the Fairy and the Duchess, and then the Fairy said out loud, “Yes. I thought she would have told you.” Grandmarina then turned to the King and Queen, and said, “We are going in search of Prince Certainpersonio. The pleasure of your company is requested at church in half an hour precisely.” So she and the Princess Alicia got into the carriage, and Mr Pickles’s boy handed in the Duchess who sat by herself on the opposite seat, and then Mr Pickles’s boy put up the steps and got up behind, and the Peacocks flew away with their tails spread.

Prince Certainpersonio was sitting by himself, eating barley-sugar and waiting to be ninety. When he saw the Peacocks followed by the carriage, coming in at the window, it immediately occurred to him that something uncommon was going to happen.

“Prince,” said Grandmarina, “I bring you your Bride.”

The moment the Fairy said those words, Prince Certainpersonio’s face left off being stickey, and his jacket and corduroys changed to peach-bloom velvet, and his hair curled, and a cap and feather flew in like a bird and settled on his head. He got into the carriage by the Fairy’s invitation, and there he renewed his acquaintance with the Duchess, whom he had seen before.

In the church were the Prince’s relations and friends, and the Princess Alicia’s relations and friends, and the seventeen Princes and Princesses, and the baby, and a crowd of the neighbours. The marriage was beautiful beyond expression. The Duchess was bridesmaid, and beheld the ceremony from the pulpit where she was supported by the cushion of the desk.

Grandmarina gave a magnificent wedding feast afterwards, in which there was everything and more to eat, and everything and more to drink. The wedding cake was delicately ornamented with white satin ribbons, frosted silver and white lilies, and was forty-two yards round.

When Grandmarina had drunk her love to the young couple, and Prince Certainpersonio had made a speech, and everybody had cried Hip hip hip hurrah! Grandmarina announced to the King and Queen that in future there would be eight quarter days in every year, except in leap year, when there would be ten. She then turned to Certainpersonio and Alicia, and said, “My dears, you will have thirty-five children, and they will all be good and beautiful. Seventeen of your children will be

boys, and eighteen will be girls. The hair of the whole of your children will curl naturally. They will never have the measles, and will have recovered from the whooping-cough before being born."

On hearing such good news, everybody cried out "Hip hip hip hurrah!" again.

"It only remains," said Grandmarina in conclusion, "to make an end of the fish-bone."

So she took it from the hand of the Princess Alicia, and it instantly flew down the throat of the dreadful little snapping pug-dog next door and choked him, and he expired in convulsions.

THE END

ANEXO B – TERMO DE ORIGINALIDADE

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução.

Eu, ISADORA GOMES DO NASCIMENTO, 09011309405, na qualidade de aluna da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:

- O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;

- O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto **PLÁGIO**, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;

- As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;

- Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como às longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informada e orientada a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;

- Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informada/o e orientada/o a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

O/A Professor/a responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.

João Pessoa, 30/03/2026.

Isadora Gomes do Nascimento

nome e assinatura da/o aluna/o